

DOI: 10.46943/IX.CONEDU.2023.GT03.009

DAS MARGENS À SUBMERSÃO: NOVA IORQUE-MA E SUA CULTURA ESCOLAR (1938-1968)

JOÃO ANTONIO DE SOUSA LIRADoutorando em Educação da Universidade de São Paulo – USP, joao.lira.antonio@usp.br

RESUMO

Este artigo é recorte da dissertação de mestrado defendida em 2019 no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Maranhão e tem por objetivo analisar a cultura escolar da cidade de Nova Iorque - MA no período de 1938 a 1968 através das memórias de alunas e professoras, a fim de descrever os aspectos da cultura escolar no período estudado e identificar as representações construídas por elas sobre as escolas onde estudaram e lecionaram. Foi utilizado como método de pesquisa a História Oral mediante aplicação de entrevista de história de vida temática. Utilizou-se como aporte teórico Chartier (1990), Castro (2017), Castanho (2019), Certeau (2011), Julia (2001), Alberti(2000; 2005). A partir das narrativas elegeu-se como categorias empíricas de análise para esse artigo instituições escolares que correspondem ao Grupo Escolar Anália Neiva e Escola Municipal Senador Neiva e, materiais e disciplinas escolares. Constatou-se nas representações das pesquisadas que a escola Municipal Senador Neiva era conhecida como *rasquete* por ser frequentado por crianças de famílias menos abastadas e por se tratar de uma escola reunida em contraposição ao Grupo Escolar Anália Neiva com estrutura arquitetônica adequada e com professoras normalistas que vinham da cidade de São Luís-MA e Florianópolis-PI. Quanto aos materiais e disciplinas escolares identificamos em primeiro momento, aproximadamente de 1938 a 1950, a fabricação de carteiras de modo artesanal pelos pais de alunos com caixas de sabão recolhidas em comércios locais e, em segundo momento a partir de 1950 a responsabilização em parte do poder público com os materiais escolares, sobretudo com livros de didáticos para o Grupo Escolar. Este trabalho se constitui como uma forma sistematizada e uma representação sobre a cultura escolar de Nova Iorque-MA.

Palavras-chave: História da Educação, Cultura Escolar, Nova Iorque-MA, Instituições Escolares.

INTRODUÇÃO

Remetendo-se ao título deste trabalho enfatiza-se que *Das margens à Submersão* é uma analogia feita ao processo de constituição e transformações ocorridas em Nova Iorque-MA, que no ano de 1938, marco inicial do recorte temporal, tem-se a elevação à categoria de cidade através do Decreto-lei n.º 45 de 29 de março em observância à Lei nacional nº 311 do dia 2 do mesmo mês do ano de 1938 e como marco final o ano de 1968 quando a cidade sai das margens do Rio Parnaíba para as profundezas do mesmo devido a inauguração da Usina Hidroelétrica de Boa Esperança (UHB)². Desse modo, as bases arquitetônicas da cidade e conseqüentemente das escolas neste período não existem em sua materialidade arquitetônica, no entanto, é possível revisitar esse lugar mediante as memórias daqueles que as vivenciaram.

O interesse em estudar a História da Educação e a cultura escolar do município de Nova Iorque, localizado na microrregião das Chapadas do Alto do Itapecuru no Estado do Maranhão - região nordeste do Brasil, partiu da necessidade enquanto indivíduo que ali construiu sua identidade permeando seus vários estágios desde estudante até tornar-se professor, pois pouco sabia-se sobre os fios simbólicos tecidos em relação à educação nesse cenário no período de 1938 a 1968, uma vez que se destacam os relatos acerca do cotidiano da cidade enfocando as histórias das inundações e festividades sociais e religiosas.

Desta forma, esse texto tem por objetivo analisar a cultura escolar da cidade de Nova Iorque - MA no período de 1938 a 1968 através das memórias de alunas e professoras a fim de descrever os aspectos da cultura escolar no período estudado e identificar as representações construídas por elas sobre as escolas onde estudaram e lecionaram. Para tanto, a cultura escolar enquanto categoria de análise é aqui entendida a partir da concepção de Julia (2001) que a concebe como um objeto histórico que gera normas que regem as escolas, sendo articulada a outras culturas que lhes são contemporâneas, como a cultura política, a cultura popular e a cultura religiosa. Cabe, pois, investigarmos como se apresentam essas relações, se de forma pacífica ou de forma conflituosas, já que a "cultura escolar é descrita como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos" (JULIA, 2001, p. 10).

Percebe-se, a partir do olhar do autor, que a categoria cultura escolar envolve diversos elementos do âmbito educacional, contudo elencamos as categorias a seguir para análise, pois consideramos os que mais caracterizam os objetivos propostos como: instituições escolares que correspondem ao Grupo Escolar Anália Neiva e Escola Municipal Senador Neiva, materiais e disciplinas escolares. Neste sentido, Silva (2006) aponta que professores, alunos e famílias, as instituições escolares, os sistemas educativos e modo pelo qual estão organizados, as linguagens e discursos pedagógicos desenham esta cultura. Castro (2011, p. 13) enfatiza ainda que a cultura material escolar também traz essa culturalidade “em uma série de elementos como objetos de leitura e escrita (...) materiais de limpeza (...) mobiliários, (...) indumentários, dentre outras”.

Apoiamos nossas análises em Chartier(1990) e sua concepção de História Cultural, uma vez que possibilita a inserção de novos sujeitos e fontes no fazer historiográfico, pois traz à cena sujeitos que estão mais distantes dos centros de poder, tal como os encontrados em Nova Iorque, pois embora estes estejam envolvidos em redes de poder na própria municipalidade a distância da capital e suas famosas escolas os coloca em certa invisibilidade.

Desse modo, é importante mencionarmos que a história da educação foi fortemente influenciada pela história cultural, como apontam Vidal e Farias Filho (2000), ao tomar por referência a fala da professora Xavier ao verificar aos trabalhos inscritos no I CBHE (Congresso Brasileiro de História da Educação). Para os autores tais documentos indicam a crescente consolidação de um campo disciplinar que se desenvolve no interior do campo pedagógico, mas que, nitidamente, inscreve-se no âmbito da chamada História Cultural.

Nesta direção, Castanho (2019, p. 7) enfatiza que o encontro entre história da educação e história cultural, não é uma assimilação de uma pela outra, visto que nenhuma delas é anulada. Entretanto, ocorre uma “fecundação” mútua. A história cultural se preocupa com o “estudo da ‘teia simbólica’ tecida pelas sociedades humanas”. Enquanto a história da educação é apresentada como o “estudo do tempo e no espaço do fenômeno educativo”. Quando se estuda as representações e as práticas culturais, a educação assimila temas e visões próprios da história cultural.

Utilizou-se fontes orais oriunda do método da história oral através de entrevista de história de vida temática que consiste “prioritariamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido” (ALBERTI, 2013, p. 48), com cinco sujeitos de

pesquisa identificadas como: Marli Araújo¹, Socorro Lima², Flor de Cajueiro³, Flor de Algodão⁴ e Bromélia⁵; que centram suas narrativas em uma determinada fase de suas trajetórias, a saber: tempo de escolarização e de exercício da profissão docente, onde evidenciou-se as memórias para que pudéssemos apreender os elementos que constituíram a educação em Nova Iorque, e fontes documentais para apreender o objeto investigado em questão traduzindo-o em uma escrita (CERTEAU, 2011).

A escrita articula o lugar social, a operação científica e a prática investigadora na transformação ou transmutação destes elementos para a forma de um texto, pois “preenche ou oblitera as lacunas que constituem, ao contrário, o próprio princípio da pesquisa, sempre aguçada pela falta” (CERTEAU, 2011, p.90). A este respeito, Pesavento (2012, p. 55) enfatiza que o discurso histórico opera pela verossimilhança, que, no entanto, “produz um efeito de verdade: é uma narrativa que se propõe como verídica e mesmo se substitui ao passado tomando seu lugar”.

Então, é importante entender a produção historiográfica, em um primeiro momento, por meio da revisão de literatura, visto que esta traz elementos essenciais da própria estruturação da pesquisa em história da educação, fazendo-se necessário compreender as implicações ocorridas no campo historiográfico, pois é por meio dos registros locais que tendemos a compreender o passado, a partir do ponto de vista que quem os produziu. Nesse viés, esta pesquisa não tem a intenção de estabelecer a verdade absoluta sobre a educação de Nova Iorque, e sim, um discurso aproximado do que um dia aconteceu, mediado por representações dos sujeitos ali pesquisados.

- 1 Nascida em de Nova Iorque Velha em 1939, curso o ensino primário, descendente de origem negra, foi quebradeira coco e artesã de chapéu de palha de carnaúba.
- 2 Professora aposentada da rede Estadual de Ensino, nasceu em 1939, cursou o ensino primário em Nova Iorque Velha e foi professora deste grau nesta localidade.
- 3 Professora aposentada da Rede Estadual de Ensino, Nascida em 1945 em Nova Iorque Velha onde cursou o ensino primário nesta localidade e o curso Normal Regional na Cidade de Floriano-PI, voltando posteriormente da sua cidade natal onde exerceu função como professora.
- 4 Nascida em 1942 em de Nova Iorque(submersa), de descendência negra é professora aposentada da Rede Estadual de Ensino, cursou o ensino primário nesta localidade e o curso Normal Regional na Cidade de Floriano-PI, voltando posteriormente da sua cidade natal onde exerceu sua função como professora.
- 5 Nascida em Nova Iorque (submersa) em 1939 onde cursou o ensino primário sendo posteriormente professora na Escola Municipal Senador Neiva até 1967.

INSTITUIÇÕES ESCOLARES: GRUPO ESCOLAR ANÁLIA NEIVA E ESCOLA MUNICIPAL SENADOR NEIVA

O nome do Grupo Escolar Anália Neiva foi dado em homenagem à Anália Augusta de Neiva, cujo dados biográficos não constam em arquivos públicos e nem na escola que a homenageia, mas sabe-se que foi casada com Justino Neiva de Souza que foi prefeito de Nova Iorque em 1930, e que embora não dominasse os rudimentos da leitura, escrita e cálculo buscou junto ao Departamento Estadual de Educação a construção de uma escola pública para Nova Iorque no período em que seu esposo administrou a cidade a fim de elevar os índices de instrução da população novaiorquina de forma mais sistematizada, uma vez que predominava escolas domésticas nesse período. O casal tivera doze filhos⁶, dentre eles José Neiva de Sousa (1885-1960), sendo Deputado Federal em 1945 e senador da República em 1947, assim a escola municipal recebeu seu nome, Senador Neiva. Ver-se, contudo, o poder simbólico da família Neiva na cidade, primeiro por pertencerem ao grupo de fazendeiros e políticos que gerenciavam a vida pública dos moradores no que diz respeito às questões essenciais como educação, e com isso utilizaram-se desse poder invisível para legitimar-se pois o “poder simbólico é, com efeito esse poder invisível o qual só podem ser exercidos com cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, p. 7-8, 2010)

No entanto, não temos a intenção de investigar a história das instituições escolares e suas institucionalizações, mas conhecer as representações dos pesquisados sobre elas pois, “compreender e explicar a realidade histórica de uma instituição, [...] é integrá-la de forma interativa no quadro mais amplo do sistema educativo, nos contextos e nas circunstâncias históricas, implicando-a na evolução de uma comunidade e de uma região, seu território, seus públicos e zonas de influências” (MAGALHÃES, 2004, p. 133). Logo, o autor alerta para o caráter multidimensional da re(escrita) das instituições numa abordagem história, pois a “[...] relação entre as instituições educativas e a comunidade envolvente estrutura-se numa abordagem que integre e cruze os planos macro, meso ou micro-histórico” (MAGALHÃES, 2004, p. 70), pois se os sujeitos envolvidos fazem parte do todo

6 Ana Joaquina de Santa Thereza Neiva de Souza, Umbelina Neiva de Souza, Raimunda Neiva de Souza, Maria José Neiva de Souza, Rosa Neiva de Souza, Maria de Lourdes Neiva de Souza, Luiza Neiva de Souza, José Neiva de Souza, Joana Neiva de Souza, Antônio Augusto de Neiva, Justo Neiva de Souza, José Neiva de Souza

social e atravessam tais planos, cabem a eles revelar o modo pelo qual percebem, classificam, julgam e agem dentro do sistema educativo.

Desta forma, ao entoarem as narrativas sobre as instituições escolares pudemos perceber a emoção transbordada nas falas ora trêmula de emoção, ora mais firme; no brilho do olhar e nas lágrimas. São as sensibilidades lidando com as emoções e sensações, ou seja, “as formas pelas quais indivíduos e grupos se dão a perceber, comparecendo como um reduto de tradução da realidade por meio das emoções e dos sentidos” (PESAVENTO,2012, p.57), que se fez possível quando adentramos no âmbito subjetivo dos nossos sujeitos, pois ao narrarem estavam expressando as marcas e sutilezas que os compõe como seres humanos historicamente situados, pois, “os homens aprendem a sentir e a pensar [...] a traduzir o mundo em razões e sentimentos” (PESAVENTO,2012, p.57).

Portanto, ao recordarem-se das instituições escolares nossos sujeitos apontam que

Tinha o grupo velho, que chamava o grupo Velho e o Grupo Novo. Que o grupo novo era o mais adiantado e o grupo velho era o mais atrasado, num sabe [...] chamava de rasquete, porque era onde a classe mais baixa... quer dizer que todos eles das mães que interessava era igual, num sabe, era igual todo mundo, mas de o grupo de ser mais atrasado daqueles alunos mais atrasado, ai chamavam rasquete, Apelido, num sabe! (Marli Araújo, 22 de dezembro de 2018)

Só duas, tinha essa do estado e tinha a do município, que a do município a gente chamava Rasquete, era assim, ninguém não queria ir para o município, porque... as crianças entravam sem saber nada, não sabe. (Bromélia, 04 de fevereiro de 2019)

Na Cidade Velha só tinha o Grupo Escolar Anália Neiva e a Escola Municipal Senador Neiva que o menino chamava Rasquete, os outros tinham uma raiva danada. Se zangava o menino quando dizia: “Oi, eu estudo no Rasquete, no Rasquete, no Rasquete!”, besteira que menino aprende. (Flor de Cajueiro, 04 de fevereiro de 2019)

Evidencia-se nas narrativas o Grupo Escolar Anália Neiva e a Escola Municipal Senador Neiva, na fala de Marli o Grupo Novo ao referir-se à primeira e o Grupo Velho ao referir-se à segunda, muito embora tratar-se de Escola Reunida. No entanto, o que mais chama atenção é a representação que se tem destas, a primeira como a mais “adiantada”, tal fato deva-se por constituir-se a partir do modelo de escola graduada, sinônimo de inovação e desenvolvimento pedagógica a época, por possuir maior número de professores com curso normal como discutido anteriormente; e

por ter alunos mais adiantados, ou seja, com maior domínio da leitura, cálculo e escrita. Tais fatos podem se justificar a disparidade no número de matrículas de uma escola para a outra deva-se, pois no ano de 1963 registra-se 176 alunos no Grupo Escolar e 38 alunos na Escola Municipal.

Deste modo, a Escola Municipal era vista como o reverso do progresso educacional atribuído ao Grupo Escolar. Este fato é constatado pela atribuição do apelido de “Rasquete” a esta instituição, por demandar conotação de precariedade educacional relacionado a clientela qual atendia, que era da classe mais pobre da cidade, onde a maioria das famílias não impetravam interesse pela educação dos filhos, assim “a origem social da clientela escolar e seu destino provável [...] permitem traçar um retrato da escola com seus atores, aspectos de sua organização, seu cotidiano, seus rituais, sua cultura e seu significado para aquela sociedade” (BUFFA, 2002, p. 27). Logo a aprendizagem destes em relação aos domínios da leitura, escrita e cálculo eram quase inexistentes e isso pode ter sido reflexo da falta de organização do cotidiano mediante um programa de ensino tal qual existia no Grupo Escolar Anália Neiva que será discutido adiante, bem como o destino provável dos alunos era inserir-se em atividades laborais onde o conhecimento escolar não fazia parte.

Nesta acepção, Bromélia menciona que “as crianças não sabiam de nada”, representação que se difundiu no imaginário coletivo, assim como a expressão “besteira que menino aprende”, porém são carregadas de sistema simbólico, já que as produções simbólicas são instrumentos de dominação (BOURDIEU, 2010, p.10) pois postulam um conhecimento para a legitimação de uma classe na sociedade, desta forma, através do discurso proferido dos sujeitos pesquisados ver-se de sobremaneira a escola como espaço cultural que as legitima, uma vez que “a cultura dominante contribui para [...] a integração fictícia da sociedade” (BOURDIEU, 2010, p.10), assim, **rasquete** mais do que um apelido é uma forma de dominação que revela o descaso com a educação municipal na época.

Ao recorda-se da base arquitetônica do prédio do Grupo Escolar, Flor de Cajueiro nos diz que

era um estilo mesmo daqueles casarões mais antigos, as salas divididas assim... sala de um lado e do outro. E do centro era tipo assim... uma área descoberta onde os alunos formavam para contar os hinos antes de entrar para a sala de aula, brincar... Grupo Escolar Anália Neiva. (Flor de Cajueiro, 04 de fevereiro de 2019)

Nota-se com base na narrativa a arquitetura e a organização do espaço do Grupo Escolar Anália Neiva. Assim é possível, pelas características descritas que a escola possuía um estilo de construção colonial sendo dividida em dois pavilhões em que se distribuíam as salas de aula, e embora Flor de Cajueiro não se lembre com exatidão a quantidade de salas é plausível afirmar que havia pelo menos cinco, uma vez que o ensino primário elementar correspondia a quatro anos com mais um ano de ensino complementar, então como a escola oferecia todo esse ciclo escolarização demandaria ter salas de aulas o suficiente para alocar todos os alunos.

Na parte central da escola percebe-se que existia uma área descoberta em que se realizavam os ritos escolares como acolhida onde os alunos formavam filas para cantar o Hino Nacional e recreação, além de constituir-se um espaço de brincadeiras. Já em relação ao prédio escolar da Escola Municipal Senador Neiva, Bromélia nos diz que

do município também era muito boa, era murada, bem muradinha, não tinha os portões... e dentro tinha muitas salas, não são muitas, não era nem uma nem duas, porque lá era primeiro ano, segundo ano, terceiro ano, quarto ano e quinto ano, era assim nessa época, sabe? (Bromélia, 04 de fevereiro de 2019)

Imagem 01: Escola Municipal Senador Neiva



Fonte: Arquivo do pesquisador, 2019

A escola municipal, a partir da narrativa, também ofertava o ensino primário elementar e complementar, pois havia pelo menos cinco salas de aula. Já na imagem 05, ver-se que a Escola Municipal Senador Neiva tem estilo de uma casa com cobertas de telhas e janelas alongadas permitindo a circulação de ar nas salas de aulas, muro baixo com uma espécie de aramado e uma área a frente onde possivelmente realizavam-se a acolhida dos alunos para cantar o Hino Nacional e em seguida direcionarem-se para as salas de aulas onde haveria uma professora em cada turma esperando-os para iniciar a matéria do dia.

A cerca das dimensões dos prédios, o Grupo Escolar possuía uma área total de 320,13m² enquanto a Escola Municipal uma área de 173,6m², no entanto a área coberta de ambas era pouco mais de 1/3 da área total (COHEBE, 1967). Entretanto, apenas a primeira foi construída na intencionalidade de tornar-se escola, enquanto a segunda funcionava em um prédio da administração municipal, logo constituiu-se em um casarão arranjado para funcionar uma escola.

Assim, aflorada pela ausência de uma base material (prédios escolares)⁷, a representação das instituições escolares aqui discutidas dizem respeito a um reflexo da realidade, pois não é a realidade em si, mas um modo pelo qual é interpretada, mediada pelo imaginário (PESAVENTO, 2012), ou seja, a forma que homens/mulheres construíram historicamente representações coletivas a partir de imagens e ideias compartilhadas socialmente, dando-lhes sentido ao mundo e consequentemente à educação em Nova Iorque.

MATERIAIS E DISCIPLINAS ESCOLARES

Entende-se a cultura material como um dos objetos da história cultural, pois todo “material produzido pelo homem, faz também parte da cultura” (BARROS, 2003,p.151). Assim, a cultura material escolar é um elemento da cultura escolar e é rememorada por alunos e professores das instituições de ensino no recorte temporal estabelecido nesta pesquisa.

Deste modo, por cultura material escolar compreende-se de acordo com Castro (2011, p. 13) “uma série de elementos que constituem o universo escolar, como objetos de leitura e escrita[...] materiais de limpeza[...] mobiliários, [...]

7 As instituições escolares representadas pelos sujeitos de pesquisa estão submergidas nas águas do Rio Parnaíba.

indumentários, dentre outras”. Desta forma, percebe-se objetos nas narrativas dos pesquisados que compunham o cotidiano escolar as escolas em Nova Iorque como mobiliário escolar, representado pelas carteiras, uma vez que foram elementos marcantes no processo de escolarização dos sujeitos pesquisados e livros, destacando-se o de Matemática.

Com relação as carteiras as narrativas relevam que,

Nem carteira a gente num tinha... os pais mandava fazer as carteirinhas...vinha assim um sabão numas caixas de madeira, ai aproveitava depois de secar essas caixas... ai aproveitava comprava e botava as perninhas assim, ai a gente levava... quem tinha levava uma cadeirinha pra sentar ou um tamboretezim. (Marli Araújo, 22 de dezembro de 2018)

No começo eu me lembro demais, menina estava sofrendo atrás do cristão para dar uma caixinha, um caixotezinho assim de uma madeira mais leve para mandar botar quatro perninhas no caixotezinho para poder... Botar o caderninho em cima para escrever... não passou muito tempo desse jeito não, mas no início era! Aí, quando um menino tinha sorte de achar um caixão assim mais bonito, melhor, os outros diziam: “Eta, onde foi que tu achou esse aí tão bom? Me diz que eu vou pedir”, que era pra mandar botar as pernas. As perninhas nas carteiras. Aí, depois veio uma fase melhor, ele, prefeito... mandava fazer umas carteirinhas que era individual, mas a carteirinha bem feitinha, sabe, com a madeira serradinha, bem divididzinha que tinha como a gente colocar o material em uma posição melhor para poder assistir aula, mas no começo era caixão de sabão. (Flor de Cajueiro, 04 de fevereiro de 2019)

As falas acima, demonstram que no início da vida escolar das pesquisadas não havia carteiras suficiente para os alunos nas instituições de ensino da cidade, logo a tática utilizada por alguns pais e alunos era o aproveitamento de caixotes de madeira que armazenavam sabão em pó e que chegavam aos poucos comércios da cidade⁸, pois quando esvaziados colocavam-se pés de madeira para transformá-los em carteiras. Outros pais levavam para seus filhos formatos de cadeiras que não correspondiam com o ideal escolar como tamborete - fabricação caseira onde revertia-se a parte do assento com couro de cabra ou vaca - uma vez que não havia suporte de apoio para escrever em cadernos e ler livro.

8 Na cidade existia os comércios/quitandas de Bernardino Rêgo, do Enoque Mendes e do coronel Santana.

Por outro lado, embora a narrativa de Flor de Cajueiro aponte para estes indícios, acrescenta-se ainda o momento de superação da confecção caseira e particular de carteiras para o momento em que o governo municipal assume esta responsabilidade mediante a fabricação de carteiras padronizadas, portanto, fica evidente que havia uma carteira por indivíduo. A individualização das carteiras possibilita maior distância entre os alunos e mais controle por parte do professor sobre o espaço da sala a fim de coibir desordens bem como possibilitar a efetivação de exames individualizados de rendimento.

Quanto aos livros escolares, pode-se dizer que eram distribuídos de acordo com a organização curricular expedido no Decreto-lei n. 1462 de 31 de dezembro de 1946 que organiza o ensino primário no Maranhão, tendo em vista que abaliza os conhecimentos a serem contemplados nesta etapa de ensino.

art. 5- o curso primário elementar será feito em quatro anos, e compreenderá:

- I- Leitura e linguagem oral e escrita;
- II- Iniciação matemática.
- III- Geografia e História do Brasil.
- IV- Conhecimentos gerais aplicados a vida social, a educação para a saúde e ao trabalho.
- V- Desenho e trabalhos manuais.
- VI- Canto orfeônico.
- VII- Educação física.

art. 6- o curso primário complementar de um ano, terá os seguintes grupos de disciplinas e atividades educativas:

- I- Leitura linguagem oral e escrita.
- II- Aritmética e geometria.
- III- Geografia e História do Brasil, noções de Geografia geral e História da América.
- IV- Ciências Naturais e higiene.
- V- Conhecimento das atividades econômicas da região.
- VI- Desenho.
- VII- Trabalho manuais e práticas educativas referentes a atividades econômicas da região.
- VIII- Canto orfeônico.

A partir dos grupos de disciplinas posto na Lei Orgânica do Ensino Primário no Maranhão, identifica-se a existência dos cursos primário elementar e complementar em Nova Iorque mediante a recordação de livros didáticos como de geografia, ciências naturais e aritmética pelos sujeitos pesquisados. Flor de Cajueiro recorda-se vagamente “que tinha um livro de capa dura que era aberto assim... muito bonito e bem encadernado... costurado[...] que era aquela Geografia Atlas”. Nesta mesma direção, Flor de Algodão aponta a existência do livro de “ciências naturais, tinha... deixa eu ver... um tipo um folheto da história do Maranhão, uns folhetos... menos folhas, deixa eu ver [...] tinha todas assim né?! português, tinha tudo”. Quando se retratou do livro de geografia, por exemplo, Flor de Cajueiro deu ênfase e encantamento ao recordar-se do livro com encadernação em capa dura e seu miolo costurado, logo faz gestos com as mãos da forma correta de manuseá-lo, onde primeiro colocava o livro sobre a carteira e depois o abria a partir da parte superior das folhas, logo, a partir dessa prática há indícios de zelo e fragilidade do livro.

Por outro lado, Flor de Algodão enfatiza o livro de ciências naturais e uma espécie de folheto de história do Maranhão, este último é caracterizado por possuir quantidade menores de páginas. Assim, embora não se recordem dos autores e editoras dos livros, ver-se nas falas aspectos que os compunha e os distinguem.

Já Socorro Lima, recorda-se do livro de matemática e seu autor ao lembrar-se de conseguir resolver um cálculo com as quatro operações no segundo ano primário.

olha lembro dum livro... Matemática do Antônio Trajano, oia tinha todos os cálculos, quando eu, oia... eu lembro de mais quando fiz no segundo ano... passaram um cálculo pra mim com quatro operação e eu tirei esse cálculo certo... (Socorro Lima, 25 de dezembro de 2018)

O livro em questão trata-se de *Aritmética Primária* destinado a alunos das escolas primárias e de autoria de Antônio Bandeira Trajano⁹, pois de acordo com Oliveira (2019) tivera sua primeira edição no ano de 1886 chegando à edição de nº

9 Nascido no dia 30 de agosto de 1843, em Vila Pouca de Aguiar, Portugal, Antonio Bandeira Trajano fez o ensino primário e secundário no seu país natal. Aos 14 anos, ele chegou no Brasil e se tornou brasileiro por naturalidade. Alguns anos mais tarde, ingressou no seminário presbiteriano fundado no Rio de Janeiro em 14 de maio de 1867. Como seminarista, entre os anos de 1867 e 1870, Trajano ensinou Geografia e Aritmética nas escolas paroquiais anexas à igreja presbiteriana (OLIVEIRA, 2019)

118 no ano de 1947, decaindo posteriormente o número de edições. No entanto, o período maior circulação do livro abrange o recorte temporal desta pesquisa.

Destarte, para o autor supracitado houve grande circulação desta obra em alguns estados brasileiros como: Amazonas, Ceará, Rio Grande do Norte, Sergipe, Bahia, Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Maranhão; para tanto enfatiza três canais de distribuição dos livros,

1º) o correio, pois acrescidos 300 e/ou 500 réis o exemplar poderia ser enviado; 2º) o agente de venda, quando em 1886 José Gomes da Silva atuou em Minas Gerais difundindo a Aritmética primária, Aritmética elementar ilustrada e Aritmética progressiva; 3º) a via fluvial, utilizada para o transporte de grandes lotes. (OLIVEIRA, 2019, p. 12)

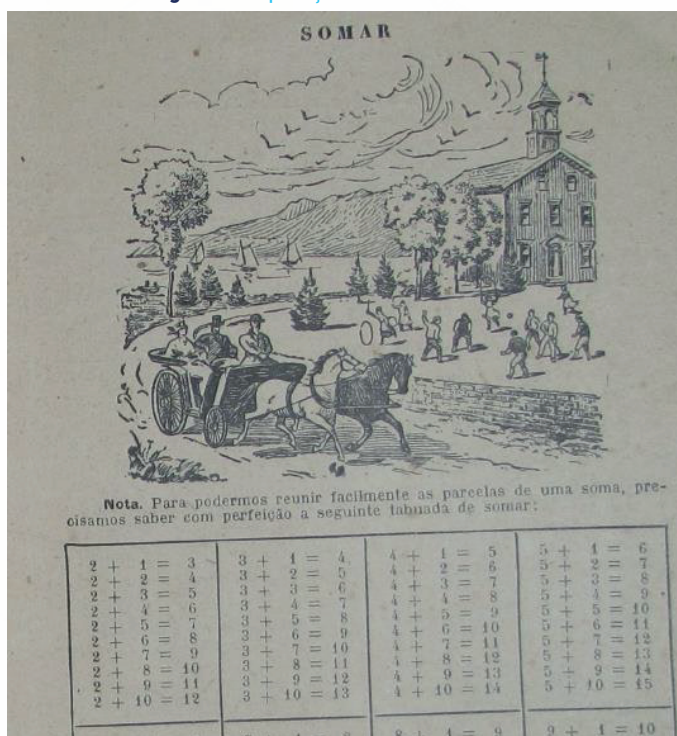
Assim, a difusão e as inúmeras edições do livro corresponderam a um período de renovação pedagógica no Brasil mediante o método de ensino intuitivo. Logo, ao verificarmos o livro percebemos que a organização didático pedagógica abrange preceitos deste método, pois as atividades apresentam-se para ser realizadas gradualmente “dividindo-se a instrução em séries lógicas de exercícios, adotando-se as mesmas regras orientadas para um conjunto de pequenos trabalhos, a fim de evidenciar a coerência dos procedimentos” (VALDEMARIM, 2010, p. 113). A obra encontra-se estruturado da seguinte forma:

- Definições - explicitando conceitos matemáticos de unidades, quantidade, números pares e ímpares, números abstratos e concretos;
- Numeração - abordando-se elementos para aprender a ler e escrever os números;
- Operações Fundamentais - abrangendo as atividades de somar, diminuir, multiplicar e dividir ao mesmo tempo que apresenta os sinais aritméticos correspondentes a cada uma, assim como ensinamentos para operacionalização na resolução de problemas.

Em relação ao último aspecto, evidencia-se o uso de imagens, geralmente de paisagem com pessoas inseridas para introduzir as operações seguido da resolução da tabuada. Tomando por exemplo a operação de somar, pode-se observar na imagem a seguir que a ilustração posta não condiz com atividade a ser solucionada, uma vez há uma paisagem com montanhas ao fundo, nuvens sobrepostas, um

lago com barcos a vela, árvores e uma casa com uma torre onde tem-se crianças brincando à frente, uma estrada sem pavimentação em que se passa uma carroça puxada por dois cavalos e com três pessoas sentadas na parte detrás não fazendo relações direta com o conteúdo apresentado.

Imagem 02: Operação matemática de somar



Fonte: TRAJANO, Antônio. *Aritmética Primária* – 118ª. Edição, 1947, p. 09.

Quanto a imagem 06, a ilustração descrita se remete a representação da vida interiorana de tal modo a adequar-se as camadas mais populares dos educandos localizados mais distantes dos centros urbanos, como Nova Iorque. Assim, o livro, por se tratar de um produto cultural é gerador de práticas culturais, logo Socorro Lima ao aprender as quatro operações gera novas práticas e representações ao utilizar-se deste saber escolarizado, inclusive para torna-se professora.

O autor da obra, após apresentar esta parte introdutória, seguem-se para a resoluções das lições onde apresenta ilustrações mais contextualizadas com o proposto nas resoluções de problemas. Esta parte do livro é evidenciado na fala Marli

quando afirma que não se lembra exatamente do livro, mas “que tinha primeira lição, segunda lição... lição para somar, diminuir...foi aí que aprendi”. Embora não se lembre do livro, pôde recordar-se de elementos que o compunha como as lições, pois a partir delas que aprendeu a somar, diminuir, multiplicar e dividir, desta forma o livro de matemática por ora recordado ajudou-a para a aquisição do saber e da cultura escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível a partir das análises das narrativas, categorizar a cultura escolar de Nova Iorque em: instituições escolares; materiais e disciplinas escolares; programa escolar, aulas e práticas de castigo e festas escolares.

Desse modo, nas representações dos pesquisados, a escola Municipal Senador Neiva era conhecida como Rasquete, por ser frequentado por crianças de famílias menos abastadas, e por ser de caráter municipal as professoras eram contratadas por indicação política possuindo muitas das vezes apenas o ensino primário e não seguiam um plano de ensino, pois o município não disponibilizava de estrutura pedagógica; em contraposição ao Grupo Escolar Anália Neiva, tido como a renovação pedagógica da época com estrutura arquitetônica adequada e com professoras normalista que vinham da cidade de São Luis-MA e Floriano-PI, locais estes que possuíam o curso de formação para professores de ensino primário, assim, essas eram vistas com prestígio dentro da sociedade novaiorquina por detem um saber oriundo do processo de escolarização ao mesmo tempo que seguiam o plano de ensino do Departamento Estadual.

Em relação aos materiais e disciplinas escolares, artefato artefatos da cultura material escolar, identificamos em primeiro momento a fabricação de carteiras de modo artesanal pelos pais de alunos com caixas de sabão recolhidas em comércios locais, pois os governos municipal e estadual as disponibilizava de modo insuficiente para quantidade de alunos, essa realidade, no entanto mudou a partir da década de 1950 quando estes assumiram essa responsabilidade. Constatou-se ainda a existência e utilização de livros no Grupo Escolar Anália Neiva que faziam parte da organização curricular posta no Decreto lei 1462 de 31 de dezembro de 1946, como o livro de Aritmética Primária de autoria de Antônio Bandeira Trajano, dentre outros que não foi possível identificá-los, no entanto a utilização desses possibilitou alunos e professores na aquisição do saber e da cultura escolar.

Já, o programa escolar adotado pelo Grupo Escolar Anália Neiva, em nossa análise definiu ou tempo escolar, ou seja, a organização sistemática do horário de entrada, intervalo e saída dos alunos, bem como definia o horário de aula com um professor para cada sala e a distribuição dos conteúdos das matérias escolares em quatro bimestre anuais.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

BARROS, José D'Assunção. **História Cultural – um panorama teórico e Historiográfico**. *Textos de História*, UNB, volume 11 – nº 1 e 2, 2003, p.145-171.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BUFFA, Ester. História e filosofia das instituições escolares. In: ARAÚJO, José Carlos Sousa; GATTI JUNIOR, Décio (Org.). **Novos temas em história da educação brasileira: instituições escolares e educação na imprensa**. Campinas/SP: Autores Associados; Uberlândia: EDUFU, 2002. p. 25-38.

CASTANHO, Sérgio. **História Cultural e História da Educação: diversidade disciplinar ou simples especialização?**. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario5/c_historia%20cultural_castanho.doc. Acesso em: 04 abril, 2019.

CASTRO, César Augusto (Org.). **Cultura material escolar: a escola e seus artefatos (MA, SP, PR, SC e RS, 1870-1925)**. São Luis: EDUFMA, Café & Lápiz, 2011.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. 3.ed-Rio de Janeiro: Forense, 2011.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Difel, 1990.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VIDAL Diana Gonçalves. **Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil**. Revista Brasileira de Educação, Mai/Jun/Jul/Ago N° 14 , 2000.

JULIA, Dominique. **A Cultura Escolar como Objeto Histórico**. Revista Brasileira de História da Educação n°1 jan./jun, 2001.

MAGALHÃES, J. **A construção de um objecto do conhecimento histórico**. Do arquivo ao texto – a investigação em história das instituições educativas. Educação Unisinos, Volume 11, número 2, maio/agosto 2007.

OLIVEIRA, Marcus Aldenison. **Antonio Bandeira Trajano e a renovação pedagógica lida em livros escolares**: ensinar aritmética de modo intuitivo (final do século XIX). Revista História da Educação (*Online*), 2019, v. 23: e79977

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: autêntica, 2012.

SILVA, Fabiany de Cássia Tavares. **Cultura Escolar**: quadro conceitual e possibilidades de pesquisa. Educar, Curitiba, n. 28, p. 201-216, 2006.

VALDEMARIN, Vera Teresa. **História dos métodos e materiais de ensino**: a escola nova e seus modos de uso. São Paulo: Editora Cortez, 2010.